



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – ESPANHOL**

**ANTONINA DA SILVA PEREIRA**

**RESQUÍCIOS DE MELANCOLIA NO REPERTÓRIO DE FLÁVIO JOSÉ**

**MONTEIRO – PB  
2021**

ANTONINA DA SILVA PEREIRA

RESQUÍCIOS DE MELANCOLIA NO REPERTÓRIO DE FLÁVIO JOSÉ

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura plena em Letras, habilitação em Língua plena Espanhola, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI - Poeta Pinto do Monteiro, Centro de Ciências Humanas e Exatas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Ma. Maria da Conceição Almeida Teixeira

MONTEIRO – PB  
2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P437r Pereira, Antonina da Silva.  
Resquícios de melancolia no repertório de Flávio José  
[manuscrito] / Antonina da Silva Pereira. - 2021.  
37 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Maria da Conceição Almeida Teixeira, Coordenação do Curso de Letras - CCHÉ."

1. Melancolia. 2. Música. 3. Forró. 4. Flávio José (Cantor).

I. Título

21. ed. CDD 781.11

**ANTONINA DA SILVA PEREIRA**

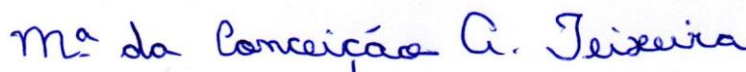
**RESQUÍCIOS DE MELANCOLIA NO REPERTÓRIO DE FLÁVIO JOSÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI - Poeta Pinto do Monteiro, Centro de Ciências Humanas e Exatas como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

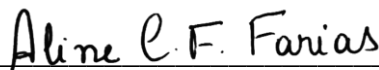
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 24/05/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>a</sup>. Ma. Maria da Conceição Almeida Teixeira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>a</sup>. Ma. Aline Carolina Ferreira Farias  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Kaio César Pinheiro da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Primeiro Trio de Forró de Luiz Gonzaga.....	19
Figura 2 –	Formação Icônica Trio De Forró.....	18
Figura 3 –	Rabeca.....	20
Figura 4 –	Pífano.....	20
Figura 5 –	Jackson Do Pandeiro.....	21
Figura 6 –	Casa de Taipa.....	24
Figura 7 –	Flávio José o Rei do Xote.....	26
Figura 8 –	Flávio José e Lara Amélia no Programa “Cantos & Contos”	27

“No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu”  
(FREUD, 2010, p. 145)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>HISTORICIDADE DO TERMO MELANCOLIA .....</b>	<b>10</b>
2.1	BUSCANDO UMA DEFINIÇÃO PARA O TERMO MELANCOLIA .....	11
<b>3</b>	<b>ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE O FORRÓ .....</b>	<b>17</b>
3.1	FLÁVIO JOSÉ .....	24
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DA MELANCOLIA NO REPERTÓRIO DE FLÁVIO JOSÉ.....</b>	<b>26</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>

## RESQUÍSIOS DE MELANCOLIA NO REPERTÓRIO DE FLÁVIO JOSÉ

Antonina da Silva Pereira\*

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar alguns aspectos melancólicos na produção poética de Flávio José, nas canções “*Lembranças*” e “*A Separação*”. Para isso, nos valem da contribuição teórica de alguns autores, que tratam da melancolia como Freud (2006), Roudinesco e Plon (1998), Scliar (2002), Nasio (2007) dentre outros autores. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica que recorre a livros, artigos científicos, ensaios entre outros gêneros textuais que definem e caracterizam a *melancolia*. Através de uma análise mais apurada, discutimos as características melancólicas que conta uma história de um alguém que fora abandonado pela pessoa amada, e ao se encontrar solitário clama por reencontrar aquele amor para retomar o relacionamento que haveria outrora. O seguinte trabalho acadêmico está dividido em três tópicos. No primeiro tópico, discutimos o significado e origem do termo “*melancolia*”, a partir da contribuição teórica de Roudinesco e Plon (1997), que afirmam que o conceito estava associado a uma perda de amor pela vida ou uma tristeza profunda decorrente da perda de um ente querido. Logo após, abordamos como a versão psicanalítica de Freud (1997), estabelece a “*melancolia*” como uma profunda tristeza nascente da ausência do indivíduo escolhido para ser amado (ou outras abstrações como pátria, ideais, etc.) se dilui com o tempo e a tristeza da melancolia permanece. Nota-se, portanto, que a melancolia leva a um abatimento patológico sobre a estima do indivíduo. Em um segundo momento, traremos algumas noções sobre o surgimento do ritmo Forró, bem como os caracteres que o liga as raízes nordestinas do Brasil. Ainda apresentaremos a biografia do cantor paraibano Flávio José conhecido como o “Rei do Xote”. Finalizando, no terceiro tópico crivaremos as canções “*Lembranças*” e “*A Separação*” sob o olhar psicanalítico a fim de demonstrarmos os aspectos melancólicos apresentados pelo eu-lírico.

**Palavras-Chave:** Melancolia. Música. Forró. Flávio José.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo identificar algunos aspectos melancólicos en la producción poética de Flávio José, en las canciones “*Lembrança de Você*” y “*A Separação*”. Para ello, hacemos uso del aporte teórico de algunos autores, que abordan la melancolía como Freud (2006), Roudinesco y Plon (1998), Scliar (2002), Nasio (2007) entre otros autores. Se trata, por tanto, de una investigación bibliográfica que utiliza libros, artículos científicos, ensayos y otros géneros textuales que definen y caracterizan la melancolía. A través de un análisis más acertado, discutimos las características melancólicas que cuentan la historia de alguien que

---

\* graduanda do Curso de Letras/Espanhol do Centro de Ciências Humanas e Exatas/CCHE, Campus VI da UEPB.

e-mail: antonina.pereira@gmail.com



fue abandonado por el ser querido, y cuando se encuentra solo, clama por encontrar a la otra persona para retomar la relación que habría existido en el pasado. El siguiente trabajo académico se divide en tres temas. En el primer tema se discute el significado y origen del término “melancolía”, a partir del aporte teórico de Roudinesco y Plon (1997), quienes afirman que el concepto se asoció con una pérdida del amor por la vida o una profunda tristeza resultante de la pérdida de un ser querido. Poco después, nos acercamos a cómo la versión psicoanalítica de Freud (1997) establece la “melancolía” como una profunda tristeza que surge de la ausencia del individuo elegido para ser amado (u otras abstracciones como patria, ideales, etc.) que se disuelve con el tiempo y permanece la tristeza de la melancolía. Nótese, por tanto, que la melancolía conduce a un abatimiento patológico en la estima del individuo. En un segundo momento, traeremos algunas nociones sobre el surgimiento del ritmo Forró, así como los personajes que lo vinculan con las raíces nororientales de Brasil. También presentaremos la biografía del cantante Paraíba Flávio José conocido como el “Rey de Xote”. Finalmente, en el tercer tema proyectaremos las canciones “Lembranças” y “A Separação” bajo el punto de vista psicoanalítico con el fin de demostrar los aspectos melancólicos que presenta el yo lírico.

**Palabras clave: Melancolía. Música. Forró. Flávio José.**

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade Clássica que o tema da melancolia é examinado por médicos, filósofos e outros pensadores como sendo uma doença na qual se perde o estímulo de viver e se anseia pela morte. Com o passar dos anos foi vista como pecado, porém com o advento da Psicanálise o tema passa a ser analisado como mal estar que produz tristeza decorrente da perda de um ente querido ou amado.

Assim sendo, a melancolia é tema persistente na atualidade, pois é interpretada como um mal-estar ou estado de espírito sobre a perda de amor e a lembrança que pode ser expressa na produção artística de poemas, canções, prosa e etc.

Dessa maneira, considerando-se, portanto, a contribuição teórica de autores como Freud (2006), Scliar (2002) dentre outros estudiosos sobre a temática da melancolia na arte, literatura, cinema etc., buscamos demonstrar aspectos melancólicos nas composições musicais de cantores regionais de forró segundo a contribuição teórica dos estudiosos da temática. Assim sendo, questionamos, portanto, quais seriam as características ou traços melancólicos presentes nas canções “Lembranças” e “A Separação”, de Flávio José?

Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo geral identificar alguns aspectos melancólicos nas canções “*Lembranças*” e “*A Separação*”, do cantor e compositor Flávio José e os seguintes objetivos específicos: a) apresentar o conceito do termo “melancolia” a partir da contribuição teórica de autores, que tratam da melancolia como Freud (2006), Roudinesco e Plon (1998), Caruso (1984), Scliar (2002), Nasio (2007) dentre outros autores. b) expor algumas noções sobre surgimento histórico do ritmo Forró e sobre a biografia do cantor, e c) interpretar sob o aspecto psicanalítico o as canções a serem analisadas “Lembrança de Você” e “*A Separação*”, buscando demonstrar os aspectos melancólicos na composição das canções de Flávio José.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema estudado que se vale de livros, artigos, sites eletrônicos que buscam estudar o tema dialogando com os autores e estudiosos sobre esta temática, valendo-se principalmente do caráter descritivo da pesquisa.

Portanto, tomamos como justificativa para esse trabalho a necessidade de contribuir academicamente para motivar o interesse sobre o estudo e a pesquisa de

composições musicais de artistas regionais. Sobretudo, o trabalho acadêmico visa interpretar a partir da contribuição da psicanálise as canções “*Lembranças*”<sup>1</sup>, do LP *Só Confio em Tu* (1977) e “*A Separação*”<sup>2</sup>, do CD *Me Diz amor* (2001) para suscitar o interesse de pesquisas posteriores sobre o paralelo da melancolia e da arte.

Por fim, discutimos, através de uma análise mais apurada, as características melancólicas nas canções “*Lembranças*” e “*A Separação*”, que apresentam a narrativa de um amor que ao se separar de quem gosta não se permite relacionar com outrem, aspira por retomar o amor passado e que apenas com o objeto de desejo pode ser feliz.

O seguinte trabalho acadêmico está dividido em três tópicos. No primeiro tópico, discutimos o significado e origem do termo “*melancolia*”, a partir da contribuição teórica de Roudinesco e Plon (1997), que afirmam que o conceito estava associado a uma perda de amor pela vida ou uma tristeza profunda decorrente da perda de um ente querido. Logo após, abordamos como versão psicanalítica de Freud (1997), apresenta a “*melancolia*” como alguém consternada pelo término do relacionamento, ou situações abstratas como, pátria, ideais e etc.

No segundo tópico, apresentamos inicialmente algumas noções sobre surgimento histórico do ritmo Forró, que segundo Fernandes (2001), o termo está intrinsecamente relacionado à região nordeste do Brasil. Possui traços característicos peculiares como uma música regional que retrata a vida do homem nordestino e suas peculiaridades. Por seguinte, expomos alguns informes sobre a biografia do cantor do Flávio José Marcelino, natural da cidade de Monteiro, que conta com 8 LPs, 23 CDs, é conhecido como o Rei do Xote.

Por fim, no terceiro e último tópico, interpretaremos sob o aspecto psicanalítico as nuances melancólicas nas canções “*Lembrança de Você*” e “*A Separação*”. Buscamos, portanto, demonstrar quais seriam os aspectos melancólicos que o eu-lírico expressa sobre a perda do ser amado e a dor da lembrança em sua memória.

---

<sup>1</sup> Música: “*Lembranças*” – Compositor: Flávio José. CD: *Só Confio em Tu*. São Paulo: Chororô, 1977

<sup>2</sup> Música: “*A separação*” – Compositores: Jorge de Altinho – Felix de Barros – Giza Rocha.

## 2. HISTORICIDADE DO TERMO MELANCOLIA

A melancolia vem sendo objeto de estudo de médicos, filósofos e escritores, desde a Antiguidade Clássica. Segundo Roudinesco e Plon (1997), primeiramente, foi interpretada como uma doença na qual a pessoa perde o amor pela vida e aspira à morte como se fosse uma bênção. Mais tarde, foi associada por Aristóteles aos homens ligados à filosofia, à poesia e às artes. Posteriormente, foi relacionada à acídia (considerada como um pecado resultante das tentações da carne), frequente em monges solitários.

Segundo Roudinesco e Plon (1997), na Idade Média Ocidental surgiu o termo Acédia (em grego *akedia*, indiferença) que significava desânimo corporal e espiritual, “enfraquecimento da vontade, inércia, tibieza, moleza, frouxidão, ou ainda a melancolia profunda” (ROUDINESCO E PLOM, 1997, p.65). Este termo era atribuído a “solidão” e ao “demônio do meio-dia”, que seria ligado ao pecado e a tentação da carne para os monges reclusos em um mosteiro. Scliar (1997) relata que demonstravam desgosto com o mosteiro, inquietos, sem vontade de trabalhar, às vezes sonolentos. Queriam sair do lugar, procurar companhia. O termo também está relacionado com a lista dos pecados capitais como “a gula, a fornicação, a inveja, a raiva”.

E, finalmente, na versão psicanalítica e mais moderna, Freud, no seu artigo *Luto e melancolia* (1915) questiona por que a profunda tristeza decorrente da perda de um ente querido (ou outras abstrações como pátria, ideais, etc.) se dilui com o tempo e a tristeza da melancolia permanece, apesar de a motivação original ter se dissipado.

Para Freud (1997):

O melancólico exibiu ainda outra coisa que está ausente no luto – uma diminuição extraordinária de sua auto-estima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego (FREUD, 1997, p. 251).

Nota-se que a melancolia leva a um abatimento patológico que produz uma diminuição da autoestima e um empobrecimento em larga escala do ego do indivíduo. No estágio melancólico, o indivíduo sente uma dor profunda que se assemelha, segundo Freud (1997), a uma hemorragia interna, psíquica que

ocasiona “o cansaço, a fraqueza, a perda da vitalidade, e o desinteresse pela vida” (FREUD, 1997, p.234). A partir da apreciação de Freud junto aos seus pacientes que apresentavam quadros frequentes que se auto recriminavam, se satisfiziam em se julgar como culpado e em punir a si.

## 2.1 BUSCANDO UMA DEFINIÇÃO PARA O TERMO MELANCOLIA

De acordo com Edler (2008), com o passar do tempo a acedia deixa a lista dos pecados capitais e passa a se chamar “*tristitia*, tristeza” com um sentido de “tristeza mundana”, ligado a perdas materiais; “pecaminosa” a alma entrega “aos valores terrenos” e a “tristeza virtuosa”, “conduz ao arrependimento e à salvação” pela inspiração divina.

O interesse de Freud (2010) pelo termo melancolia está registrado no seu artigo *Luto e Melancolia*, que, através da psicanálise, buscou as causas e os sintomas desse estado psíquico. Segundo o ponto de vista psicanalítico:

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da auto-estima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (FREUD, 2010, p.128).

Segundo tal definição, a *melancolia* é tratada como uma perda ou esgotamento psíquico grave e total sobre todo o prazer de vida, chegando inclusive ao desinteresse doloroso sobre a própria vida em questão. Esses sintomas de suspensão do interesse por si próprio e pelo mundo exterior são marcados por uma dor profunda devido a perda do interesse pela vida ou um abatimento dolente levando o indivíduo a uma aflição, denominada luto.

Freud (2010) afirma que o luto é uma consequência ou reação devido à sensação de abatimento pelo que foi perdido, e dificilmente pode ser substituído ao indivíduo:

O luto profundo, a reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo — na medida em que não lembra o falecido —, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor — o que significaria substituir o pranteado —, o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido. Logo vemos que essa inibição e restrição do Eu exprime uma exclusiva dedicação ao luto, em que nada mais resta para outros intuítos e interesses. Na verdade, esse

comportamento só não nos parece patológico porque sabemos explicá-lo bem (FREUD, 2010, p. 128).

Neste ponto, Freud argumenta que a inibição e abatimento causado pelo estado de *melancolia* leva o indivíduo a uma consternação pela perda, também chamada de luto, na qual o indivíduo melancólico lamenta continuamente a perda de algo ou de alguém. Bongestab (2010) também afirma que esse desânimo melancólico vem sempre acompanhado pela lenta agonia do pesar do indivíduo pelo que foi perdido.

Para Roudinesco e Plon (1998), o abatimento e a consternação são sintomas de um estado doentio do indivíduo tomado por um humor sombrio ou então a uma doença, que seria um estado doentio em que o indivíduo permanece, que por muito tempo estava associado a um mal-estar ou doença estudada desde a Antiguidade Clássica, conforme os autores explicam:

A melancolia estaria ligada à doença de Saturno, deus terreno dos romanos, mórbido e desesperado, identificado com o Cronos da mitologia grega, que havia castrado o pai (Urano) antes de devorar os filhos. Assim, os melancólicos eram chamados de saturninos, mas cada época construiu sua própria representação da doença. Se o médico inglês Thomas Willis (1621-1675) foi o primeiro, no século XVII, a aproximar a mania da melancolia para definir um ciclo maníaco-depressivo, foi o filósofo Robert Burton (1577-1640) quem forneceu, em 1621, com *Anatomy of Melancholy*, a versão canônica de uma nova concepção da melancolia, já introduzida nos costumes. A partir do fim da Idade Média, com efeito, o termo tornou-se sinônimo de uma tristeza sem causa, e a antiga doutrina dos humores foi progressivamente substituída por uma causalidade existencial (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 268).

Segundo essa explicação, a melancolia é um estado de abatimento mórbido ou tristeza profunda devido a uma causalidade existencial, ou seja, devido uma perda de sentido, o indivíduo está condicionado a uma angústia profunda beirando morbidez patológica.

Parafrazeando Freud (2010), podemos afirmar a melancolia como um resultado inerente ao sofrimento pela perda existencial, no qual o indivíduo melancólico sofre pela incapacidade de superar a dor profunda pela perda:

Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido. Não é fácil fundamentar economicamente por que é tão dolorosa essa operação de compromisso em que o

mandamento da realidade pouco a pouco se efetiva (FREUD, 2006, p. 129).

A melancolia se torna então um estado de abatimento doloroso mantido pelo próprio indivíduo em seu quadro existencial. Para Edler (2008), o interesse de Freud pelo termo *melancolia* reside na busca por uma analogia de quadros clínicos de seus pacientes, como por exemplo: a apatia, o desinteresse, a anestesia sexual, o empobrecimento da excitação, que seriam fruto de uma hemorragia interna na psique do homem. Dessa maneira, o cansaço, a fraqueza, a perda da vitalidade e o desinteresse sobre o prazer da vida seriam decorrentes desta perda brusca de natureza psíquica.

Retomando ao texto de Freud (2010), o mal-estar da melancolia é resultado pela perda de algo amado ou ente amado pelo indivíduo que reage no mesmo quadro a partir de um “luto profundo, essa reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo” (FREUD, 2010, p. 87).

Analisando essa afirmação de Freud sobre o quadro clínico do indivíduo patológico, podemos verificar que essa incapacidade de eleger um novo objeto amado para substituir o que foi perdido é uma marca do quanto o melancólico está preso a sua dor e angústia patológica.

Além dessa interpretação, Freud (2010) também afirma sobre o estado melancólico, como uma tensão entre objeto amado perdido e quando a pulsão de prazer libidinal que o indivíduo dirigia não é redirecionada a outro substituto e nem abandonada pelo sujeito, pelo contrário, ele a mantém incondicionalmente:

Isso desperta uma compreensível oposição, observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia. Essa oposição pode ser tão intensa que se produz um afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatório. O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique (FREUD, 2010, p. 136).

Essa manutenção de desejo e o tempo que o sujeito gasta desejando o ser saudoso e perdido se prolonga indefinidamente, ocasionando um desinteresse por completo da vida e do mundo a sua volta diante dessa fixação do sujeito pelo seu

amado objeto. Deve-se ressaltar, no entanto, que o objeto amado não está necessariamente perdido para sempre, em outras palavras mortas para o sujeito. Para Caruso (1984), a partir do estudo psicanalítico sobre processo de separação de pessoas que se amam, mas, não se trata de casos propriamente relacionados à separação por morte física ou desgaste na relação, ocasionando o desinteresse que termina com separação.

Ainda nas palavras de Caruso (1984), a separação dos amantes tem um gosto de morte na relação, representando uma catástrofe no *ego*, em outras palavras um abalo na identidade que rapidamente aciona os mecanismos de defesa para evitar a morte e a depressão do indivíduo, sendo a agressividade a primeira etapa de defesa.

Para o autor, o processo de separação dos amantes desencadeia um mecanismo de defesa, na medida em que o amor se transforma em ódio, permitindo a *desidentificação* com o objeto. Por trás dessa agressividade esconde a acusação sobre o abandono do ser amado, sendo o ódio uma consequência real de abandono.

Enfim, o melancólico está condicionado a lembrar vivências passadas que jamais voltaram ao indivíduo e ele não encontra mais prazer nas vivências atuais, mas em seu passado saudoso pelo qual ainda nutre um desejo melancólico:

Esse caso poderia apresentar-se também quando a perda que ocasionou a melancolia é conhecida do doente, na medida em que ele sabe quem, mas não o que perdeu nesse alguém. Isso nos inclinaria a relacionar a melancolia, de algum modo, a uma perda de objeto subtraída à consciência; diferentemente do luto, em que nada é inconsciente na perda. No luto, vimos a inibição e a ausência de interesse explicadas totalmente pelo trabalho do luto que absorve o Eu. Na melancolia, a perda desconhecida terá por consequência um trabalho interior semelhante, e por isso será responsável pela inibição que é própria da melancolia (FREUD, 2010, p.140).

É importante também ressaltar que durante o estágio melancólico o sujeito desenvolve uma baixa-estima e desapego sobre a vida, como cita o próprio Freud “um extraordinário rebaixamento da auto-estima, um enorme empobrecimento do Eu. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu” (FREUD, 2010, p. 145). Além disso, também são gerados outros transtornos como insônia, autopunição e fastio decorrentes desse estado melancólico:

O quadro desse delírio de pequenez, predominantemente moral, é completado com insônia, recusa de alimentação e uma psicologicamente notável superação do instinto que faz todo vivente



se apegar à vida. Tanto do ponto de vista científico como do terapêutico seria infecundo contradizer o paciente que faz essas acusações ao próprio Eu. De algum modo, ele deve ter razão, deve descrever algo que se passa tal como lhe parece (FREUD, 2010, p. 149).

Além disso, Freud (2006) também explica que o melancólico adoece em decorrência de seu estado, chegando, inclusive, a atitudes de autopiedade e fraqueza: “Em algumas outras autoincriminações o paciente também nos parece ter razão em apenas apreender a verdade de maneira mais aguda do que outros, que não são melancólicos” (FREUD, 2010, p. 152). Além disso, também é comum que o indivíduo:

Em exacerbada autocrítica, ele pinta a si mesmo como uma pessoa mesquinha, egoísta, insincera, sem autonomia, que sempre buscou apenas ocultar as fraquezas do seu ser, pode ocorrer pelo que sabemos, que tenha se aproximado bastante do autoconhecimento, e perguntamo-nos apenas por que é necessário adoecer para alcançar uma verdade como essa (FREUD, 2010, p. 146).

Ainda de acordo com Freud (2010), o estado melancólico que o indivíduo se encontra é alimentado por um remorso e uma auto recriminação de si próprio, chegando a um estado em que perde a vergonha ou o pudor diante dos outros, e qualquer traço de vaidade e amor próprio. Dessa maneira, o estado melancólico é dominado por um sentimento de pena e autopiedade que elimina qualquer forma de alegria momentânea:

Não é essencial, portanto, saber se o melancólico está correto em sua penosa auto-depreciação, até que ponto sua crítica coincide com o julgamento dos outros. A questão é isto sim, que ele descreve corretamente sua situação psicológica. Ele perdeu o amor-próprio e deve ter tido boas razões para isso. Mas assim nós nos vemos ante uma discrepância, que coloca um problema de difícil solução. Fazendo analogia com o luto, concluímos que ele sofreu uma perda relativa ao objeto; suas declarações indicam uma perda no próprio Eu (FREUD, 2006, p. 134).

Assim sendo, o estado melancólico descrito por Freud também foi um tema abordado por outros estudiosos e pesquisadores, devido à complexidade do seu tema. Dentre esses autores, destaca-se Moacyr Scliar em sua obra intitulada *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil* (2009), que aborda a melancolia nas artes e literatura, sobretudo após o florescimento da cultura

renascentista na literatura no final século XV e sua repercussão nos séculos posteriores e sua produção na América através da colonização europeia.

Assim sendo, a melancolia agora, segundo Scliar (2009), pode ser tomada como objeto artístico ou estético, mas ainda é definida como um estado de apatia e tristeza que podia ser identificada de maneira geral nas artes, como na pintura, arquitetura, escultura e literatura:

A melancolia renascentista já não era a acédia de outrora: esta última, salientou o dominicano Batista da Crema, deixava a pessoa langorosa, preguiçosa, enquanto o melancólico era capaz de produção intelectual e artística. O abandono do conceito de acédia decorreu, em parte, do debilitamento do papel da Igreja na avaliação da conduta humana, debilitamento esse advindo da tendência a um pensamento mais secular, e, portanto, mais liberal, e ainda da Reforma protestante. De outra parte, e como doença, a melancolia escapa ao estreito círculo da teologia e passa a ser abundantemente estudada, tanto por médicos como por pensadores, no contexto do interesse pela mente característico do século XVI, o século que vê o nascimento da palavra 'psicologia' (SCLAR, 2009, p. 45).

Vejamos, portanto, que o termo acédia está diretamente relacionado a um estado patológico que o indivíduo era acometido insatisfatoriamente. Para Scliar (2009), esse termo acédia pode ser definido como inércia, a qual se refere ao estado que o indivíduo contrasta ao tratamento. Não obstante, a visão da teologia passa a ser investigada ao crivo de médicos e pensadores.

O que Scliar (2009) enfatiza em seu tema melancólico era uma abordagem constante nas obras de artes em geral e, além disso, o retorno ao interesse sobre o tema revela a necessidade do homem renascentista de identificar a melancolia e suas causas e sintomas, levando a uma grande produção literária sobre a temática:

Multiplicam-se as obras sobre o tema. Em 1586 é publicado *A Treatise of Melancholie*, do médico Timothy Bright, que depois se tornaria clérigo protestante, explora os dois conceitos, elaborando uma obra que é tanto médica como teológica: Galeno tem razão, a melancolia é um resultado do excesso de bile negra, mas é também uma prova da "mão de Deus pesando sobre a consciência culpada", o que configura dois quadros distintos. A melancolia não natural, resultante do castigo divino, resiste a qualquer tratamento: purgas, cordiais, bálsamos; o melancólico pode ser consolado, mas não curado. O temperamento melancólico manifesta-se por tristeza, desconfiança, dúvida (SCILAR, 2009, p. 49).

Neste sentido, a melancolia tornou-se, portanto, um estado mórbido que o ser humano passa em sua vida, em decorrência das fatalidades e da fragilidade

humanas, devido a não superação desses fatos tristes e da dificuldade do ser humano em encontrar resignação ante os infortúnios que acontecem e a manutenção da dor e da amargura como lembranças de momentos de tristezas.

Esse estado patológico definido pelo autor se torna totalmente inerente à vida humana, como uma adversidade que perpassa todos os seres humanos em algum momento da sua vida independentemente da classe social ou gênero.

Ao tratar da temática na perspectiva do apego as lembranças e a rigidez em regenerar-se da morbidez são possíveis encontrar aspectos simbólicos da melancolia na música. Chama atenção que em alguns ritmos mais popularescos e festivos a temática da melancolia venha à tona de maneira explícita ou velada, um desses ritmos é o Forró.

### 3 ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE O FORRÓ

Segundo Filho (2018, p. 19), a palavra forró teria duas variantes para a sua origem: Na primeira, o surgimento se daria a partir da inauguração da primeira estrada de ferro no interior de Pernambuco pela companhia inglesa Great Western, os funcionários da empresa realizavam um baile ao som de sanfona, triângulo e zabumba todas as noites aberto a todos os públicos. “Na porta destes eventos, eram colocadas placas com nome “*for all*” e com o tempo o termo passou a ser pronunciado pelos nativos como Forró”.

Entretanto, a versão mais aceitável, ainda segundo Filho (2018), a origem da palavra forró derivava da expressão “forrobodó”, que “tem sua origem da palavra Bantu, pertencente ao tronco linguístico africano, que foi a base cultural da identidade do Brasil escravista.” Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa a palavra significa, “Festa, baile caseiro, bem animado, com comezainas e bebidas. Festejo popularesco e ruidoso. Confusão, desordem, algazarra”<sup>3</sup>.

Para Fernandes (2001), o Forró está intrinsecamente ligado à região nordeste do Brasil e tinha características peculiares de ser estritamente uma música instrumental, não obstante a sua comercialização em meados de 1946 começa a ter letra que, por sua vez, retrata a vida do homem nordestino e suas peculiaridades do

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/forrobodo/>> Acesso: 21/07/2020

dia-a-dia, utilizando traços de regionalismo em sua linguagem informal. Podemos visualizar a referida centralidade temática com base na descrição de Fernandes:

[...] Esta música é carregada de suas vivências e de sua formação musical no nordeste. Gonzaga era filho de sanfoneiro famoso na região de Exu, divisa de Pernambuco com o Ceará. Seu pai fazia o que ficou conhecido como forró de pé-de-serra, ou seja, música dançante e majoritariamente instrumental realizada no acordeon de botão (também conhecido como sanfona pé-de-bode) em ocasiões festivas familiares (FERNANDES, 2001, p. 02)

Para se tocar o forró eram necessários três instrumentos básicos: acordeon de botão ou de teclado, o triângulo e a zabumba. A princípio o acordeon ou sanfona era por vezes substituído por um instrumento melódico como a rabeca uma espécie de violino caseiro e o pífano um tipo de flauta igualmente caseiro, essa estrutura é conhecida como o “forró de raiz”.

**Figura 1 – Primeiro Trio de Forró de Luiz Gonzaga**



Catamilho (zabumbeiro), Zequinha (triangueiro), Luiz Gonzaga (sanfoneiro)  
 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0yGqecGzhJ4> Acesso: 22/09/20

**Figura2 – Formação Icônica Trio De Forró**



Cacau (zabumba), Luiz Gonzaga (sanfona) e Salário Mínimo (triângulo)

Fonte: A Folha Patuense. A História da Vinda do Rei do Baião Luiz Gonzaga a Patu.<sup>4</sup>

**Figura 3 – Rabeca**



Mestre Luiz Paixão com rabeca do Mestre Antônio Merengue

Fonte: <[http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/paginas/acervo-brazinst/copy\\_of\\_cordofones/rabeca/LuizPaixocomrabecadeAntnioMerengue2014.jpg/view](http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/paginas/acervo-brazinst/copy_of_cordofones/rabeca/LuizPaixocomrabecadeAntnioMerengue2014.jpg/view)>Acesso: 13/07/2020

**Figura 4 – Pífano**



João do Pife e Banda Dois Irmãos

Fonte: <<http://riachobeminformado.blogspot.com/2014/06/de-riacho-das-almas-para-o-mundo-joao.html>>Acesso: 13/07/2020

Esses instrumentos melódicos junto à indumentária, a qual relembra a figura do vaqueiro nordestino e os cangaceiros do bando de Lampião, ajudou a compor a personificação do forró como tradição cultural. Tinha como baluarte temático o viver nordestino em suas dores e alegrias, valores familiares, amores, natureza e etc. A

<sup>4</sup> A Folha Patuense. A História da Vinda do Rei do Baião Luiz Gonzaga a Patu.

<<http://aluisiodutra.blogspot.com/2018/03/a-historia-da-vinda-do-rei-do-baiao.html>>Acesso: 05/07/2020

este estilo de forró se é conhecido como “Forró Raiz”, utiliza uma linguagem informal aproximando o intérprete ao público.

[...] São os estilos de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro que serão tomados como modelo, “de raiz,” “tradicionais”: modo de cantar, “grão” de voz (Roland Barthes), rítmica, temas, o famoso trio: triângulo, sanfona e zabumba, indumentária, estilo de performance, diálogos com o público (informalidade), modo de dançar.

[...] Estas características modelares encaixam o forró no conceito de tradição inventada, de Hobsbawm (1997), pois é um conjunto de práticas reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica, visando inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, implicando uma continuidade com o passado [...] (FERNANDES, 2001, p. 4)

O ritmo em questão ficou conhecido na mídia nacional entre os anos 1946-1965, que contou nessa época com os baluartes: Luiz Gonzaga (1912-1989), “Rei do Baião”, e Jackson do Pandeiro (1919-1982), o “Rei do ritmo”, como menciona o jornalista Nabor Júnior<sup>5</sup>. O forró possui algumas variantes que são: o baião, xaxado e xote, e é caracterizado por ser um ritmo dançante, alegre e sensual. A palavra forró também dá nome ao local no qual se realiza a festa. Segundo o site do cantor Flávio José “o forró é sinônimo de festa, que traduz o estado de espírito da nação nordestina”<sup>6</sup>.

**Figura 5 – Jackson do Pandeiro**



Fonte: <<http://www.omenelick2ato.com/musicalidades/jackson-do-pandeiro>> Acesso: 23/07/2020

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.omenelick2ato.com/musicalidades/jackson-do-pandeiro>> Acesso: 23/07/2020

<sup>6</sup> [http://www.flaviojose.com.br/\\_ups/downloads/arq54bc3d2f9a491.pdf](http://www.flaviojose.com.br/_ups/downloads/arq54bc3d2f9a491.pdf) Acesso: 22/07/2010

Jackson empresta ao ritmo o gingado e a versatilidade em versos criativos, do ponto de vista do rítmico, com seus arranjos orais nas canções que imprime sua característica e genialidade musical. “[...] entrou em cena com um rojão e um coco meio samba, cujos andamentos não reportavam ao balaio de estilos musicais estilizados por Luiz Gonzaga”<sup>7</sup>.

Cada vertente do Forró traz características muito peculiares quanto ao desenvolvimento interrelacional, homem e mulher ou apenas homens; o andamento rítmico, rápido, mais lento, sutil ou forte e etc. A cadência de cada um é marcada através dos pés e da expressão corporal dos dançantes que transforma a dança em um grande encontro de corpos e almas.

[...] O baião nordestino é originado de um tipo de batida à viola denominado de baião, que, provavelmente, era uma forma dos violeiros tocarem os lundus na zona rural nordestina, onde estes eram conhecidos como “baiano”. A paternidade do ritmo é requerida por dois nomes: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira [...] <sup>8</sup>.

O Baião tem uma característica peculiar no que se refere à execução da dança, sempre em pares, traz em seu passo o balanceio, rodopio e um jogo de calcanhar e joelhos que faz o corpo acompanhar o movimento.<sup>9</sup> Com a “invenção” de Gonzaga e Humberto Teixeira nos anos 40, o Baião torna-se o manifesto de uma nova música, que apresenta ao cenário nacional uma opção de musicalidade que retrata a regionalidade nordestina<sup>10</sup>.

[...] O xaxado, foi uma típica dança das Cabras de Lampião, da época em que os Cangaceiros eram temidos e respeitados. Por falta absoluta de opção (ausência de mulheres no grupo) eles se viam obrigados a dançar em duplas batendo forte os pés e os rifles no chão, fazendo levantar a poeira (FILHO, 2018, p. 24).

Costa (2012 *apud* CASCUDO, 2012) relata que recebeu esse nome por se tratar de uma dança masculina, circular, em fila indiana, com movimentos rápidos dos pés calçados com alpargatas que produziam no chão um sapateado arrastado, que sonoramente se assemelhava a onomatopéiixa – xa – xa. Oriunda do alto

<sup>7</sup><https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/2019/correio-das-artes-julho-de-2019.pdf> Acesso: 27/10/2020

<sup>8</sup><https://geografianordeste.wordpress.com/2017/06/08/forro-baiao-xaxado-e-xote/>Acesso: 23/07/2020

<sup>9</sup><https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/baiao> Acesso: 20/07/2020

<sup>10</sup> COSTA, Jean Henrique. *Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte* – Natal, RN, 2012. 309 f.; II. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

sertão de Pernambuco foi difundida até a Bahia pelos cangaceiros do grupo de Lampião.

O xaxado tem como representante a cantora Marinês. Nascida no sertão pernambucano e radicada em Campina Grande – PB, dona de voz forte e doce, desbrava como “ícone feminino da música nordestina” tornando-se a primeira mulher a encabeçar um grupo de forró, “Marinês e sua gente”. No universo tão masculinizado Marinês é batizada por Luiz Gonzaga na década de 50 como a “Rainha do Xaxado”<sup>11</sup>.

Diferente do xaxado que se trata de uma dança circular e de predominância masculina o xote se sobressai como uma dança mais envolvente, em geral entre casais oportunizando assim, mais envolvimento entre os pares. “[...] O Xote é um estilo de dança cadenciado, cujo ritmo nasce na Alemanha, com o nome “Schottisch”, traduzido como “escocesa”. Embora não haja nenhuma relação com a Escócia, o nome vem da impressão dos alemães acerca da polca escocesa [...]”<sup>12</sup>.

O blog geografianordeste apresenta como particularidade do xote a batida do pé em consonância com o ritmo da zabumba. É uma variante a ser dançada em pares de maneira alegre.<sup>13</sup> A dança chega primeiro à aristocracia, entretanto, foi apreciada pelos escravos que trataram de agregar ao ritmo novo gingado e novas flexibilidades nos movimentos. É considerado por ser um estilo mais lento, calmo, contribuindo para a compreensão de se tratar de uma dança romântica na qual prevalece o chamego, a paquera.

O xote era uma das expressões mais executadas nos forrós. Segundo a tradição oral, o matuto quando fazia o reboco da casa convidava os vizinhos para o forró, um dos ritmos seria o xote, em particular o xote batido, que tinha como característica a batida mais forte no chão o que contribuía para compactar o solo. Grande parte das casas nordestinas era fabricada do barro, a chamada casa de taipa, com uma estrutura simples construída com paredes de madeira/cipó, barro, água e o piso batido com um tipo de marreta de madeira grande, para que o piso da casa tivesse uma consistência e não soltasse.

---

<sup>11</sup> Rádio Cultura Brasil <<http://culturabrasil.cmais.com.br/programas/estudio-f/arquivo/a-rainha-do-xaxado-1>> Acesso: 24/07/2020

<sup>12</sup><https://geografianordeste.wordpress.com/2017/06/08/forro-baiao-xaxado-e-xote>Acesso: 20/07/2020

<sup>13</sup><http://grupoacaua.blogspot.com/2010/03/xote-batido.html>Acesso: 20/07/2020



**Figura 6 – Casa de Taipa**

Fonte: <http://pousadacasadetaipa.com.br/> Acesso: 20/10/2020

Luiz Gonzaga – *Volta pra curtir [Ao Vivo]* (1972), após cantar a música *Sala de Reboco* (1964) inicia uma narrativa de como acontecia o convite para a sala de reboco:

[...] O negócio é assim: o cabôco vai casá...então ele resolve convidá os cumpanhêro... praajudá a fazê a casinha dele... e lá na fera... ele... se desocupa mais cedo e vem esperá os cumpanhêro cá: na ponta da rua... naquelabudega onde ele costuma guardá a faca dele... oscumpanheiro vão aparecendo ele... vai fazendo os convite: pois é, colega, vou dá uma casada...já falei com o padi... vai sê de hoje a oito dia...vô fazê minha casinha amanhã...tôconvidano os amigo pra me ajudá...já encostei os materiá...cipó, caibo... as vara... o barreiro já tá encaminhado...vô matá um bode...fazê um pirão pra gente armuçá...se a gente fizê a casa.. amanhã se ela ficá pronta...de noite mesmo a gente dança nela que é prá i incaicando o chão d da sala[...](SOUSA, 2017,p. 339 - 340)<sup>14</sup>.

Portanto, forró constitui uma compilação de variantes rítmicas que oportuniza o encontro de indivíduos para dançar, se alegrar com as conquistas da vida (o sonho da casa própria, encontrar a pessoa amada), e/ou festejar a vida ou colheita bem sucedida. O cansaço dos afazeres do dia-a-dia não seria capaz de ofuscar o momento de alegria e descontração.

Muitos jovens e músicos foram influenciados pela arte criada e propagada por Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira e Jackson do Pandeiro. Entre eles o cantor e compositor paraibano Flávio José tem destaque no cenário regional e nacional, haja vista seu envolvimento cultural e defesa do forró raiz. Tázio França (2010) referência o cantor como o “Rei do Xote”, evidencia o intérprete como figura carismática do

<sup>14</sup> Transcrição do caso “casamento do caboclo” <[http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2017/06/O-ABC-do-Sertao\\_Verssão-Final-Apos-DEFESA.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2017/06/O-ABC-do-Sertao_Verssão-Final-Apos-DEFESA.pdf)> Acesso: 20/07/2020

Cariri Paraibano, combina a voz marcante de cantador com a técnica rebuscada de dedilhar sanfona, influenciado por Luiz Gonzaga e Gonzaguinha<sup>15</sup>.

### 3.1 FLÁVIO JOSÉ

Flávio José Marcelino Remígio nasceu na cidade de Monteiro no Cariri Ocidental Paraibano, aos cinco anos viu Luiz Gonzaga cantar e tocar em cima do caminhão “aperreou” os pais até que lhe comprasse um acordeon de quatro baixos<sup>16</sup>. Começou a tocar Acordeom aos sete anos e aos dez já tocava profissionalmente nas festas da região com dois irmãos, aos treze anos foi convidado a participar da orquestra Marajoara de Sertânia - PE. Por volta dos dezessete anos, sob a influência da “Jovem Guarda” e com a chegada dos instrumentos Guitarra, contrabaixo e os órgãos (teclado) montou uma banda baile com seus irmãos, “Os Tropicais de Monteiro”.

Ao ser aprovado no concurso do Banco do Brasil teve receio de ser transferido e tentou investir na carreira artística. Em 1977 gravou um LP, em 1991 teve seu primeiro sucesso “Que nem vem-vem” do compositor Maciel Melo, nos dois anos subsequentes emplacou mais dois sucessos do mesmo compositor. Assim, passou a gravar todos os anos. Em virtude da vinculação com a empresa, o artista não poderia ultrapassar o limite de 300 km, o que lhe rendeu o apelido de “o cantor dos 300 km”. Conciliou as carreiras até 1995, quando teve cinco músicas que estouraram, pediu demissão do banco e seguiu como artista.

Conhecido como o *Caboclo Sonhador*, em referência a uma canção do seu repertório<sup>17</sup> é considerado no meio artístico por ser um defensor da “música de raiz”, Flávio defende e se preocupa com a ideia de que a música nordestina deveria ter mais apoio da mídia, sobretudo, oportunizando aos artistas novos abertura para outros paradigmas:

Flávio José se coloca em oposição à indústria fonográfica quando defende a autonomia da cultura regional e a prevalência do forró raiz, do qual é um legítimo representante. O cantor conta com 8 LPs, 23 CDs<sup>18</sup>, aproximadamente 100 shows

---

<sup>15</sup>Tázio França (2010), repórter da tribuna do Norte <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/forro-sob-a-luz-da-lua/163173>>Acesso: 24/07/2020

<sup>16</sup>Canal espalha brasa – entrevista com Flávio José - o caboclo sonhador <https://www.youtube.com/watch?v=nvmzclhcom> acesso: 30/07/2020

<sup>17</sup>caboclo sonhador (1992) acesso: 20/06/2020

<sup>18</sup> Rádio Folha<<https://www.folhape.com.br/radio-folha/mais-de-50-cantores-de-forro-entoam-na-radio-folha-nestas->

por ano e é conhecido como o Rei do Xote, estilo musical eternizado por Luiz Gonzaga. Respeitado no meio artístico por sua voz inconfundível, que fez com que o seu amigo Nando Cordel lhe concedesse o epíteto: *Flávio tem uma lágrima na garganta*<sup>19</sup>. O intérprete, com sua carreira consolidada, se inquieta com o futuro de artistas novos que por vezes se espelha em seu legado e do quão prejudicial é a falta de apoio para esses artistas.

**Figura 7 – Flávio José o Rei do Xote**



Fonte: <http://www.flaviojose.com.br/baixar.php>Acesso: 13/09/2020

Olha, a música nordestina eu gostaria de ver melhor, as rádios tocando mais, abrindo mais as portas para os artistas novos, porque eu conheço muitos que encerraram a carreira precocemente exatamente por falta desse apoio e o que me preocupa não é agora, o que me preocupa é depois, quem está vindo aí seguindo os passos da gente que já está na estrada há muitos anos pra dar continuidade a essa história.” (Entrevista de Flávio José ao Diário do Sertão)<sup>20</sup>.

Sendo o xote o seu baluarte o poeta Jessiê Quirino em seu canal no YouTube – “*Papel de Bodega*” ao entrevistar Flávio enaltece-o como sendo “o dono da voz”, por causa da doçura e delicadeza com a qual interpreta as canções que sem o menor esforço, acaba potencializando a predominante característica do xote, por ser um ritmo que embala os casais proporciona o clima de romance<sup>21</sup>.

---

festas/144884/#:~:text=fl%C3%A1vio%20jos%C3%A9%20tem%20mais%20de,ao%20vento%20e%2080%9d%20e%20tantas%20outras.> acesso: 23/06/20

<sup>19</sup><<http://www.flaviojose.com.br/p/artista#:~:text=FL%C3%81VIO%20JOS%C3%89%20canta%20com%20a,tem%20uma%20l%C3%A1grima%20na%20garganta%E2%80%9D.&text=Seu%20canto%20brilha%20pois%20suas,as%20mesmas%20do%20seu%20povo.>> Acesso: 23/06/20

<sup>20</sup><<https://www.diariodosertao.com.br/noticias/entrevistas/89107/cantor-flavio-jose-fala-de-sua-carreira-e-sobre-a-polemica-do-ferro-de-plastico> -video.html>Acesso: 26/09/2012

<sup>21</sup> Conversando miolo-de-pote: Jessier e Flávio José

<<https://www.youtube.com/watch?v=ehHMpXybk0&feature=youtu.be>> Acesso: 21/06/2020

**Figura 7 – Flávio José e Lara Amélia no Programa “Cantos & Contos”**



Fonte: <https://programacantosecontos.com/flavio-jose-e-lara-amelia-faz-o-cantos-contos-deste-domingo-24-das-8h-as-9h-pela-tv-correio-record>Acesso: 21/06/2020

Com uma história de superação frente a dificuldades temporais e imbuído da herança deixada por Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, Flávio José desponta como expoente da cultura nordestina como produtor e incentivador que se destaca nessa musicalidade, a tradição ancestral, valores entranhados em cada expressão rítmica e em todos os gestuais que carrega a celebração da vida e a capacidade de resiliência que impregna a nordestinidade de resistência às situações vigentes.

Não obstante a todas as peculiaridades do artista e as alegorias do gênero Forró o repertório escolhido e executado pelo cantor adota em alguns casos de uma temática introspectiva, levando o indivíduo a um sofrimento pela perda física ou visual da pessoa amada. Através das linhas melódicas tecidas ao longo do caminho sertanejo do seu repertório, encontramos resquícios de melancolia. Iremos considerar a partir dos aportes vistos anteriormente sobre a temática da “Melancolia” para iluminar a nossa observação assim como o sol do verão do sertão.

#### **4 ANÁLISE DA MELANCOLIA NO REPERTÓRIO DE FLÁVIO JOSÉ**

Consideramos em nosso trabalho as canções: “*Lembranças*”, de autoria de Flávio José presente em seu primeiro LP “*Só Confio em Tu*” (1977), trata-se da primeira faixa do lado A, dada a relevância desta canção para aquele momento. Observamos desde a concepção de seu título que traz de forma muito clara qual a temática a ser desenvolvida pela personagem; Já a canção “*A Separação*”, gravada em 2001, apresenta em seu título a razão do descarrilamento de sentimentos expostos pelo eu-lírico. No CD “*Me Diz Amor*” esta canção faz parte do pot-pourri junto com a canção “*Lembrança de Você*” a qual analisaremos apenas o refrão.

A primeira música do repertório de Flávio José a ser analisada é na canção “Lembranças” do LP *Só Confio em Tu* (1977) que conta uma história de alguém que foi abandonado pela pessoa amada, ao se encontrar solitário o eu-lírico que clama por reencontrar o ser desejado para retomar o relacionamento que haveria outrora.

“O nosso amor foi tão lindo  
Tão lindo enquanto durou  
Hoje só resta a lembrança  
Do tempo que passou  
Das festas de vaquejadas  
E do alazão corredor”  
(FLAVIO JOSÉ, 2001, p.01).

Nesse fragmento, podemos observar que o eu-lírico expressa uma nostalgia por um amor do passado que atualmente só restariam lembranças amorosas do ser amado. Essa nostalgia persiste nas estrofes seguintes, nesse trecho da canção, pois o eu-lírico usa as palavras *lembrança* e *esperança*, buscar associar a concepção de tristeza profunda:

“Hoje, só resta a lembrança  
Até a esperança  
De mim se afastou  
Lembrança das noites enluaradas  
Das eternas namoradas”  
(FLAVIO JOSÉ, 2001, p.01).

Assim sendo, ao afirmar que a “esperança se afastou de mim”, o eu-lírico expõe inicialmente uma apatia ou desinteresse pela sua vida amorosa atual, que seriam fruto de uma hemorragia interna ou dor pelo amor do passado diretamente na psique do sujeito, nesse caso o eu-lírico da canção.

Devemos recordar que Freud (2010) diagnostica a melancolia a partir de sintomas semelhantes a esse, como: o cansaço, a fraqueza, a perda da vitalidade e o desinteresse sobre o prazer da vida seriam decorrentes desta perda brusca de natureza psíquica. Tais sintomas estão atrelados à dor do eu-lírico com seu amor passado que jamais retomará.

Retomando ao texto de Freud (2010), a melancolia é resultado pela perda de algo amado que reage no mesmo quadro a partir de um luto profundo, essa reação de perda de um ente amado que gera um doloroso abatimento, com a perda de interesse pela vida e pela busca de novo amor.

No trecho seguinte, destacando o estágio melancólico com o eu-lírico, evidenciando destacar como a melancolia se torna algo patológico.

“Lembrança das noites enluaradas  
Das eternas namoradas  
E do meu primeiro amor

Lembrança das noites enluaradas  
E dos continhos de fadas  
Do tempo bom que passou”  
(FLAVIO JOSÉ, 2001, p.01).

Segundo tal definição, a “lembrança das noites enluaradas” e “Do tempo bom que passou”, ou seja, algo prazeroso que passou representa uma saudade melancólica que corrói e machuca, pois se tornar algo bastante profundo. Em outras palavras, trata-se de uma ideia de uma perda ou esgotamento psíquico grave e total sobre todo prazer de vida. Além disso, chegando inclusive ao desinteresse doloroso sobre a própria vida em questão.

Dessa maneira, o eu-lírico expressa um descontentamento doloroso com a perda o ente amado expresso na seguinte estrofe: “Hoje, só resta a lembrança/ Até a esperança/ De mim se afastou” (FLAVIO JOSÉ, 2001, p.01). Nesse ponto, o eu-lírico reconhece que a pessoa amada foi embora e não retornará, deixando-o sem nenhuma esperança ou possibilidade de rever essa pessoa.

Em 2001, Flávio José lança o CD “Me Diz amor” trazendo a canção “*Lembrança de Você*” que retrata esse sentimento de perda chega a causar dores físicas segundo a canção, em especial a cabeça por não conseguir apagar a nostalgia dos momentos vivenciados e do coração, peito, possivelmente causada por tais lembranças. “A lembrança de você, dói, dói, dói. A saudade no peito, rói, rói, rói” (FLAVIO JOSÉ, 2001, p.01).

Dessa maneira, o compositor ao utilizar a expressão o termo “*lembrança de você, dói*” e logo em seguida “*A saudade no peito, rói,*” demonstra uma dor psíquica que remete a uma lembrança dolorosa e uma saudade que “machuca” o sujeito. Dessa maneira, o estado melancólico do sujeito é dominado por um sentimento de pena e que elimina qualquer forma de alegria momentânea e atual. Recorremos novamente a Freud (2006):

Ele perdeu o amor-próprio e deve ter tido boas razões para isso. Mas assim nós nos vemos ante uma discrepância, que coloca um problema de difícil solução. Fazendo analogia com o luto, concluímos

que ele sofreu uma perda relativa ao objeto; suas declarações indicam uma perda no próprio Eu (FREUD, 2006, p. 134).

Na última estrofe, o eu-lírico revela toda a tristeza melancólica com a lembrança dolorida que machuca os sentimentos por dentro, pois expressa esse uma dor profunda marcada pela tristeza acentuada e constante que lhe causa dor uma “dor” no peito angustiante. Nasio (2007, p. 55) ressalta: “a dor nos parece interior, absoluta, irremediável, e às vezes até necessária. Ela está em mim como a minha substância vital”. Ou seja, trata-se, portanto, de uma dor gerada pela ausência do amado, que desarticulação interna que propiciou a ruptura da imagem do amado.

A segunda música do repertório de Flávio José a ser analisada é “A Separação”, de Flávio José, do CD *Me Diz amor* (2001), que também expressa uma dor pela separação do ente amado:

“Quando se ama  
Alguém de verdade  
Aumenta todo dia a paixão  
Ninguém quer sofrer,  
Ninguém quer chorar  
Ninguém quer sentir a separação”  
(FLÁVIO, 2001, p.01).

Na obra do autor Igor Caruso (1984), intitulada “*A Separação dos Amantes*”, o autor diz que “uma das mais dolorosas experiências na vida humana, que ninguém gosta de passar, porém é inerente a vida humana” (CARUSO, 1984, p. 25). A conforme cita o eu-lírico da segunda canção e talvez a mais dolorosa, é a separação definitiva daqueles a quem se ama. Dessa separação, que ocorre na consciência, é que surge o luto pelo fim do relacionamento, mas na verdade contém uma grande dose de angústia. Vejamos a seguinte estrofe:

“Quando eu parti meu bem,  
Quase morri de emoção,  
Depois de beijar na sua mão,  
Saudade assim me faz sofrer  
Chega a doer e maltratar meu coração”  
(FLAVIO, 2001, p.01).

Através de Nasio (2007), podemos analisar que a dor que maltrata e fere, conforme a estrofe acima, não é sentida apenas pela perda do ser amado, mas por continuar a amá-lo mais do que nunca, mesmo sabendo que irremediavelmente tenha perdido. A pessoa a quem se ama torna-se indispensável à vida na medida

em que assegura a satisfação dos desejos, a necessidade de sentir amado e reconhecido.

Nasio (2007) também afirma que o surgimento de uma dor, relacionada a uma perda, implica passar pela prova da separação de um objeto cujo desaparecimento abrupto transtorna o sujeito obrigando-o a se reconstruir. A dor psíquica pode ser fruto da dor de separação de um objeto ao qual estamos intimamente ligados. Vejamos a estrofe seguinte:

“Eu não posso mais ficar aqui  
Vivendo assim meu grande amor na solidão  
Eu vou partir, não vou ficar  
Pode esperar por mim na mesma estação  
Não quero sofrer, não quero chorar  
Não quero sentir a separação”  
(FLAVIO JOSÉ, 2001, p.01).

Nesse íterim, o eu-lírico não aceita a ausência do ente amado, se recusando a não sofrer e não chorar pela perda do ser amado. Recorrendo a Fromm (1995), também cita que a relação amorosa se torna algo problemático para o amante que tem sua relação rompida rapidamente, gerando conflitos internos e mal resolvida com sua ex-parceira.

Com isso, concebe que a dor é a desorientação que sentimos quando, tendo perdido um ente querido, somos confrontados por uma extrema tensão interna. A dor da perda deixa o indivíduo seriamente fragilizado:

Nós a chamamos então de *dor do trauma*. Agora, completamos dizendo que ela é a dor produzida quando o eu se defende *contra o trauma*. Mais precisamente, *a dor psíquica é o afeto que traduz na consciência a reação defensiva do eu quando, sendo comissionado, ele luta para se reencontrar*. A dor é, pois, uma reação (NASIO, 2007, p.29).

Ainda de acordo com Nasio (2007), essa reação do eu contra a comoção causada pela perda se decompõe assim em dois conceitos: no primeiro, uma aspiração súbita da energia que o esvazia. Por sua vez, no segundo, com o movimento de desinvestimento, assim com a polarização de toda essa energia sobre uma única imagem psíquica, principalmente de movimento de superinvestimento da dor mental.

Nasio (2007), também argumenta que a dor corporal, com o superinvestimento incide na representação do corpo lesado, já a dor psíquica incide



na representação do amado desaparecido. Na canção de Flavio José, o eu-lírico expressa a dor psíquica de maneira direta e franca:

“Eu não posso mais ficar aqui  
 Vivendo assim meu grande amor na solidão  
 Eu vou partir, não vou ficar  
 Pode esperar por mim na mesma estação  
 Não quero sofrer, não quero chorar  
 Não quero sentir a separação” (FLAVIO, 2001, p.01).

Para o eu-lírico, o amado é apenas considerado insubstituível, não o sendo precisamente, pois, somos nós que lhe atribuímos o poder de ser único. Assim, durante a vida, agimos guiados pela convicção tácita de que ele é o nosso único eleito e se ele desaparece, essa convicção se faz explícita e se torna uma certeza dolorosa: ninguém mais nunca poderá substituí-lo.

Assim sendo, trata-se de uma separação dolorosa: “*Não quero sofrer, não quero chorar. Não quero sentir a separação*”, já que uma vez o estado de luto, que outra pessoa virá ocupar o lugar do antigo amor. Segundo ele, o amor cego que nega a realidade da perda e, ao contrário, a resignação lúcida que a aceita, são os dois extremos que dilaceram o eu e suscitam a dor melancólica que transcorre o tempo transformando uma saudade torturante como algo doloroso e recorrente no sujeito durante sua vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar e analisar alguns aspectos ou traços melancólicos na produção/escolha poética de Flavio José. Para isso, nos valem, da contribuição teórica de alguns autores, que tratam da melancolia como Freud (2006), Caruso (1984) e Scliar (2002) e outros estudiosos sobre a temática da melancolia na arte, música, poesia literatura e cinema.

Para obter esse resultado, buscamos uma definição do termo *melancolia* buscando dialogar com os autores e estudiosos sobre esta temática, se valendo principalmente das obras: *Saturno nos Trópicos: a Melancolia Européia chega ao Brasil* (2002), de Moacyr Scliar; do artigo *Luto e Melancolia* (2006) Freud (2010) e por fim, Juan-David Nasio (2007).

Assim sendo, nos questionamos, foi o seguinte: quais seriam as características ou traços melancólicos presentes nas canções “*Lembranças*” do LP

Só Confio em Tu (1977) e “A Separação”, do CD Me Diz amor (2001) de Flávio José? Tomamos, portanto, como hipótese para esse questionamento que as canções de Flávio José possuem alguns aspectos melancólicos, no qual o eu-lírico expressam um abatimento e uma dor profunda por um amor do passado que não volta mais, demonstrando que um aspecto do comportamento melancólico e recorrente.

Para obter esse resultado, buscamos uma definição do termo *melancolia* dialogando com autores e estudiosos desta temática, se valendo principalmente da contribuição teórica de obra *Saturno nos Trópicos: Melancolia Europeia chega ao Brasil* (2002), de Moacyr Scliar (2002), Freud (2010), Nasio (2007) dentre outros autores.

Consideramos, portanto, que o eu-lírico sofre de uma carência melancólica do ser amado, demonstrando uma insatisfação crescente e nostálgica pela não superação do fim do relacionamento e pela perda definitiva do ser amado. Dessa maneira, os traços de melancolia presente no eu-lírico das canções está expresso pela dor da perda do ser amado, que se transforma em uma lembrança dolorosa e melancólica quase irreparável.

Segundo Nasio (2007), o sujeito que se depara com a perda do seu amor, inicia um processo doloroso em que o sujeito enlutado, terá que reaprender a viver sem a presença física do outro, contando apenas com as lembranças da época em que estavam juntos e com a presença de sua imagem em sua mente.

Assim sendo, o eu-lírico nas canções demonstra uma dor angustiante provocada pela perda e pela lembrança dolorosa. Podemos concluir esse estudo, que o transformara em um ser obsessivo em lembrar o amor do passado e que põe fim na expectativa de amar novamente como no passado. Marcando, portanto, um sentimento de apego nostálgico e melancólico pela lembrança do ente amado perdido e pela falta de resignação pelo fim do relacionamento.

## REFERÊNCIAS

CARUSO, Igor. **A Separação dos Amantes: uma fenomenologia da morte**. trad. João Silvério Trevisan. 4. Ed. São Paulo: Diadorim, 1984.

BONGESTAB, Cristina. **Diálogo entre Policarpo Quaresma e Dom Quixote**. 1997. Monografia apresentada ao Departamento de Línguas e Letras da Universidade

Federal do Espírito Santo para obtenção da conclusão de Curso de Graduação em Letras-Português.

EDLER, Sandra. **Luto e Melancolia: à sombra do espetáculo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FERNANDES, Adriana. **Forró: Música e Dança “de raiz”?** – Goiás: Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, 2001. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.html>.

FILHO, Hector Freire de Albuquerque. **A Cultura nordestina e o Forró de pé de Serra: o caso do Projeto Cultural Museu do Vaqueiro e Forro da Lua** / Heitor Freire de Albuquerque Filho. – 2018.

FREUD, Sigmund. **O Eu E O Id, “Autobiografia” e Outros Textos (1923-1925)**. Obras Completas Volume 16; trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1995.

JOSÉ, Flávio. **Lembranças**. Só Confio em Tu. São Paulo: Choroô, 1977

JOSÉ, Flávio; GENÁRIO, José. COBRINHA, Paulo. ALTINHO, Jorge de. BARROS, Félix de. ROCHA, Giza. **A separação**. Me Diz amor. Rio de Janeiro: Som Livre, 2001.

MARQUES, Roberto. **O Cariri do Forró Eletrônico: Festa, gênero e criação** – XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio de Janeiro- IFCS/UFRJ.

NASIO, Juan-David. **A Dor de amar**. trad. André Telles e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PEREIRA, Antonina; BONGESTAB, Cristina. **A linguagem de Dom Quixote De La Mancha adaptada ao teatro de rua – um capítulo que poderia ter sido - III** Congresso Nordestino de Español: Formación de Profesores de Español: realidad y desafios – Universidade Federal Rural do Pernambuco – 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos Trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil** – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

## ANEXOS

### **A SEPARAÇÃO**

Flávio José

Quando se ama  
Alguém de verdade  
Aumenta todo dia a paixão  
Ninguém quer sofrer  
Ninguém quer chorar  
Ninguém quer sentir a separação  
Quando eu parti, meu bem  
Quase morri de emoção  
Depois de beijar a sua mão  
Ninguém quer sofrer  
Ninguém quer chorar  
Ninguém quer sentir a separação  
Saudade assim  
Me faz sofrer  
Chega doer  
E maltratar meu coração  
Eu não posso mais ficar aqui  
Vivendo assim  
Meu grande amor na solidão  
Eu vou partir  
Não vou ficar  
Pode esperar por mim  
Na mesma estação  
Não quero sofrer  
Não quero chorar  
Não quero sentir a separação

## LEMBRANÇA DE VOCÊ

Flávio José

O nosso amor foi tão lindo  
Tão lindo enquanto durou  
Hoje só resta a lembrança  
Do tempo que passou  
Das festas de vaquejadas  
E do alazão corredor  
Hoje, só resta a lembrança  
Até a esperança  
De mim se afastou  
Lembrança das noites enluaradas  
Das eternas namoradas  
E do meu primeiro amor  
Lembrança das noites enluaradas  
E dos continhos de fadas  
Do tempo bom que passou

## AGRADECIMENTO

Quero agradecer a Deus por tão grande graça de ver concluído este trabalho, bem como todas as oportunidades que Ele me favoreceu para concluí-lo. A Ti o meu amor e honra.

A minha mãe Inácia Bezerra da Silva, *In Memoria*, que a todo instante me incentivou a estudar e dar o meu melhor sempre. Sou grata por todas as vezes que se sacrificou em seu querer para que pudesse me aprofundar mais na vida acadêmica.

Aos meus familiares de modo geral na pessoa do meu pai João Aprígio Pereira por todo orgulho que sente por mim. Mesmo sem tanta leitura e estudo sempre me ensinou a perceber que a vida e a natureza ensinam a todo instante basta ser sensível ao que nos é posto a frente e a sempre confiar nos meus instintos e em Deus. Aos meus irmãos, tios, primos, sobrinhos e amigos que sempre se importam com as conquistas e as lutas que travo dando-me amparo e fortaleza.

Aos meus professores que sempre demonstraram amor e respeito ao pleito de lecionar como sendo uma missão a ser exercida com responsabilidade e disponibilidade. Dentre esses, minha primeira orientadora e incentivadora do tema, Profa. Dra. Cristina Bongestab, minha eterna gratidão por toda confiança que depositou em mim e por toda ajuda que me deu, és uma pessoa especial sem dúvida e muito importante em minha vida.

A minha turma 2012.1 juntos fizemos muitas descobertas acadêmicas, aventuras, envolvimento político institucional através do DCE no qual a turma teve participação efetiva, além de Wellington, Elizabeth e eu fizemos parte da diretoria. Com vocês tivemos muitas conquistas, alargamos o pensamento, deixamos de lado diferenças religiosas, afetivas, estreitamos as distancias e hoje podemos dizer que somos amigos e que nos esforçamos para nos encontrar a cada ano.

Sou grata ao Instituto das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, o qual sou integrada como irmã no processo formativo chamado Juniorato, por permitirem que eu conclua essa etapa de minha formação acadêmica e por todo apoio recebido por minhas irmãs, sobretudo as que moram comigo na Fraternidade da Imaculada Conceição – Recife-PE

Por fim, quero agradecer a minha orientadora Profa. Ma. Maria da Conceição por seu gesto de grandeza de não ter desistido do meu processo, por sempre acreditar em mim e em meu potencial desde o ano 2008 quando ingressei na UEPB, sempre me incentivou, me empurrou para frente com seus conselhos e de forma efetiva. Sou grata por sua generosidade, coragem e desprendimento. Obrigada por compartilhar com tantos o saber que você buscou e o qual Deus te favoreceu.